



COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA.

ISSN: 2236-8000

v.19, n.1, p. 286-290, jan-jun. 2024

Um olhar para a teoria social sob a perspectiva da Identidade e Diferença

Isadora da Silva PRESTES

Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda pela UNICENTRO/Guarapuava. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNESP/Bauru.

E-mail: isadora.prestes@unesp.br

Leonardo Silva MACIEL

Especialista em Diversidade, Inclusão e Cidadania pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Penápolis (FAFIPE). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Bauru.

E-mail: l.maciel@unesp.br

Enviado em: 15 dez. 2023

Aceito em: 12 jan. 2024

Resenha de: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença** – A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

Para pensarmos a Identidade e a Diferença, a obra que acompanha seu nome, organizada por Tomaz Tadeu Silva, tem muito o que nos dizer. Publicada pela primeira vez no ano de 2005 pela editora Vozes, os ensaios ali desenvolvidos são uma grande referência no campo dos Estudos Culturais. Grossberg (2015, p. 15) afirma que os Estudos Culturais “[...] não transformam contextos em objetos novos fixos e estáveis, mas os tratam como construções sempre abertas, mutáveis e porosas, estratégicas e temporárias” coadunando com os preceitos de identidade e diferença propostos por Woodward, Silva e Hall.

A estrutura do livro é composta por três ensaios, sendo o primeiro escrito pela autora Kathryn Woodward, onde são apresentados os principais conceitos de identidade e diferença, exemplificando-os e correlacionando-os. O segundo capítulo, por sua vez, é de autoria de Tomaz Tadeu da Silva. Nele, o autor aborda que a identidade e a diferença é mais do que um problema social, mas curricular, pedagógico e político. Por fim, o último capítulo é de autoria de Stuart Hall. O autor inicia o capítulo com uma provocação “Quem precisa de identidade?”. Para responder a essa questão, Hall se debruça sob conceitos que serão esmiuçados na terceira seção desta resenha.

Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual

A argumentação de Woodward nos leva a entender que a identidade tem profunda relação com a exclusão, marcada pela diferença, a qual é socialmente construída. Dessa forma, buscar no passado formas de identificação, trazem à tona a percepção de novas identidades. Essa redescoberta é definida por Woodward como a construção da identidade, fortemente caracterizada pelo conflito, pela contestação e até mesmo pela crise de identidade, o que coaduna também com os preceitos de Hall (2006), onde “[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (p. 13). A autora nos leva em uma lúdica exposição sobre as mudanças globais e suas influências nas estruturas políticas e econômicas. Esse campo de disputa elucida a luta pelas questões identitárias e a manutenção das identidades. Woodward aponta ainda que as

identidades são marcadas pelas diferenças tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, quanto pelos de exclusão, mas que dependem umas das outras para existir. Nessa perspectiva, ela afirma que a diferença se mostra enquanto distinção do outro, sendo componente para esse sistema de classificação e formada relativamente às outras identidades. Nesse sentido, as identidades são classificadas com marcadores de diferença, onde primeiro se identifica a diferença, para posteriormente gerar identificação. Woodward fecha seu raciocínio voltando-se à subjetividade e a identidade. Para a autora, a subjetividade envolve pensamentos e emoções sejam eles conscientes e inconscientes que refletem nos indivíduos para gerar identificação ou diferenciação de algo ou alguém.

A produção social da identidade e da diferença

O segundo capítulo aponta para a ausência de uma teoria da identidade e da diferença, bem como do seu processo de produção. O organizador da obra nos leva ao debate de que a identidade (cultural e historicamente atribuída) e a diferença, se constituem por meio de um processo de produção simbólica e pelos discursos. Tanto a identidade, quanto a diferença, são impostas e disputadas em um sistema de relação de poder, negociadas em sua definição linguística. No entanto, cabe destacar ainda que, embora os signos carreguem consigo significações imutáveis, as identidades por sua vez, estão em constante transformação. Stuart Hall (2006, p. 13), coaduna com esse ideal, afirmando que “[...] a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” estando em constante processo de evolução e transformação. Silva aponta para a força que as relações de poder emergem sobre a diferenciação, onde dela se faz processo central para a produção da identidade e a diferença, uma vez que são relações sociais. Tanto a identidade e a diferença, “não são definidas, são impostas” (Silva, 2000, p. 81) e, portanto, não vivem harmoniosamente lado a lado, mas disputam espaços. Dessa forma, identidade e diferença são, para o autor, um problema social, pedagógico e curricular. Social pois o encontro com o outro, com a diferença é inevitável, pedagógico e curricular pois mesmo reprimido, o diferente é inevitável. Vemos diferença em tudo, e nesse sentido, ampliamos as concepções de estereótipos, discriminação e violência principalmente sobre maiorias minorizadas (Santos, 2020) pela sociedade. Albuquerque Júnior afirma que “[...] o estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo” (2010, p. 30), o que contribui para a perpetuação de preconceitos.

Quem precisa de identidade?

No terceiro capítulo, Hall direciona sua atenção acerca do multiculturalismo, visando abordar a diversidade cultural como uma pedagogia voltada para a apreciação da diferença. Nesse contexto, a perspectiva da diversidade cultural alinha-se com os princípios delineados por Escosteguy, Schulman e Johnson (2020), os quais apontam “[...] os produtos culturais como agentes da reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia” (p. 7). O título do ensaio questiona o início da discussão, apontando para as divergências conceituais presentes na ciência para a compreensão do termo. O autor se preocupa em trazer reflexões sobre o conceito de “identificação”, traçando um novo caminho em relação as outras duas discussões do livro que dialogavam com a ideia de “diferença” enquanto foco da discussão. Hall não se preocupa em trazer definições e/ou afirmação sobre o que seria a identidade/identificação, mas tensiona o debate para o entendimento que sua contextualização ainda é uma das poucas desenvolvidas na teoria social e cultural, de modo que suas ideias dialogam para o que ele chama de lógica da identidade operada por meio da *différance*. O termo é empregado como um processo de articulação, saturação, não sendo, portanto, uma totalidade, um ideal. Para ele, *différance* é o que torna algo único. Nessa linha, Hall aponta identidade como conceito estratégico e posicional, onde ao aderir uma identidade, é necessária a exclusão de outras. Para além cabe destacar que, não assinala um núcleo estável do eu, o qual pode alterar sua forma de identificação ao longo da vida, passando a se identificar com outras coisas e ver diferença em questões que antes eram comuns a ela e por ela identificáveis e não diferidos. Para o autor, “[...] a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (2006, p. 38) Assim, a identidade não é essencialista, singular, mas sim construída ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar e até mesmo se contrapor. Por fim, pode-se afirmar que a leitura do livro é de grande valia para compreender como acontecem, se formam, se disseminam e se relacionam identidades, bem como, identificar a atuação das relações de poder na formação de identidades e de diferenças.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2010.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma; JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, estudos culturais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- GROSSBERG, Lawrence. Lutando com anjos: os estudos culturais em tempos sombrios. **Matrizes**, v. 9, n. 2, p. 13-46, 2015.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- SANTOS, Richard. **Maioria Minorizada: um Dispositivo Analítico de Racialidade**. Rio de Janeiro: Editora Telha, 2020.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BIOGRAFIA DOS AUTORES

ISADORA DA SILVA PRESTES

Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda pela UNICENTRO/Guarapuava em 2022. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNESP/Bauru. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais – ComMov.

E-mail de contato: isadora.prestes@unesp.br

LEONARDO SILVA MACIEL

Especialista em Diversidade, Inclusão e Cidadania pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Penápolis (FAFIPE). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Bauru.

E-mail de contato: l.maciел@unesp.br